

## O DRAMA DO GURIÚ

NUM VERÃO que passei em pequena casa de taipa e telha, na alva e desabrigada costa cearense, gostava de passear pelos morros que orlavam a praia recurva do Guriú. Mal nascia o sol, já subira o dorso ondulado das dunas e lá de cima olhava as ondas verdes desfazendo-se numa renda de espumas. O céu, sempre alto e inteiramente limpo, alaranjava-se à luz matutina e na planície deserta do mar não se avistava um penacho de fumo, nem uma vela de jangada. Nunca tive maior sensação de solidão do que ali. Parecia que naquele recanto pouco conhecido do litoral da minha terra jamais houvera habitantes. Os grauçás e os maçaricos enxameavam na areia úmida, descoberta pela maré vazante, sem o menor receio da minha aproximação, quando descia das dunas, como animais de paragens onde nunca o homem houvesse pisado e completamente se ignorasse sua crueldade inata. Entretanto, uma vez, encontrei por trás de altas moitas de pinhão bravo, sussurrantes de maribondos de chapéu, restos de forquilhas de antiga palhoça, rodeados de montões de conchas e espinhas de peixe. De outra, da lombada do morro mais alto avistei uma coroa de terra, perto da costa, onde me pareceu haver pequeninas estacas negras. E ansiei por quem me explicasse os dois achados.

Passaram-se muitos dias. Ao alvorecer do de Todos os Santos, fui ao Guriú pescar bagres nas pedras de pequeno arrecife costeiro, em companhia do velho João Caiçara, o mais antigo pescador da redondeza, morador dali a três léguas de areia solta. Indaguei dele se as forquilhas eram, efetivamente, duma tapera de jangadeiro desaparecido e as estacas da coroa restos dum curral de peixe. Respondeu-me a piscar os olhinhos vivos, e as suas pálpebras eram debruadas de vermelho, como se o vento rijo do oceano as tivesse limpado de pestanas:

— As forquilhas são da casa que foi dos Nicácios e as estacas são das cruzes do lugar onde morreram.

Com o braço nu, escuro e nodoso como raiz de mangue, apontou o banco, que o mar descobria:

— Vosmincê conte. São seis, nem uma de mais, nem uma de menos. O mar carregou as travessas das cruces e só ficaram os esteios de pé. Conheço aqueles paus, um por um, como as minhas mãos. Eu e o compadre Neco do Socó-Boi os enterramos lá, “mode” aqueles cristãos terem ao menos um arremedo de sepultura. Credo! Deus lhes fale nas almas!

Pedi ao velho pormenores do drama que adivinhava e ele mos deu, sentado numa pedra, o cachimbo apagado e esquecido entre os dedos, enquanto o sol sulcava de luz e sombra as rugas do seu rosto, cor de algodãozinho tinto com murici e engelhado como vela de jangada que a calmaria deixa tristemente cair sobre o pau da retranca.

Soube, assim, a história dos Nicácios. Eram uma família de oito indivíduos: pai, mãe, quatro filhos, uma filha, meninota, e um tio velho. Tinham vindo a pé do ardente sertão de Mombaça, famintos, escorraçados pela seca impiedosa. Aboletaram-se naquele cantinho do Guriú, construíram a palhoça com forquilhas de sabiá, varas de cauassu e palhas de carnaúba, e decidiram viver de pescar. Mas nada entendiam da vida audaz e livre do jangadeiro. Não distinguiam sequer os paus da jangada: sabiam lá o que eram bordos e meios. Até podiam pensar que a quimanga de levar comida fosse barril de cachaça, o tauassu de ancorar, amarrado na poita, pedra sem valia numa corda velha, a tapinambaba dos anzóis simples forquilha e a cuia de atirar água na vela uma grande colher de madeira... Com o tempo, ajudados da necessidade, em primeiro lugar, e dos pescadores da vizinhança, em segundo, arranjaram raízes de timbaúba, construindo com elas duas jangadas pequenas: um “bote” e um “paquete”. Deixaram de alimentar-se somente com mariscos, aratus e bagres do arrecife. Lançaram-se ao mar, quebraram as três primeiras ondas, que são as de respeito, deslizaram sobre os “jazigos” da água traiçoeira e chegaram à força de remos até a coroa, pescando melhores peixes.

Certo dia, toda a família foi pescar na coroa e demorou-se demasiado. A maré encheu, quando descuidados, levando as pequeninas jangadas encahadas na areia molhada do banco. Ficaram sem meios de voltar e a água crescendo de todos os lados, rodeando-os, ameaçadoramente! Apesar dos sertanejos serem geralmente nadadores, de todos, só o velho Nicácio sabia nadar. Deitou-se às ondas a fim de alcançar a praia e apanhar “bote” e “paquete” que a correnteza lá iria certamente levar. Antes, recomendou que todos de mãos dadas o esperassem sobre a coroa. A água cobri-la-ia, chegando-lhes aos ombros. Resistir-lhe-iam ao embate, apoiados uns nos outros. De-

pois, o mar baixaria de novo. Mesmo que não conseguisse reaver as embarcações, tivessem paciência e esperassem que seriam salvos.

Porém o sertanejo inexperiente da vida praieira não se lembrou do maior inimigo do pescador, o tubarão esfomeado, ávido, pululante naquelas claras águas verdes, que mal sente "o cheiro do homem" vem em cardumes audazes. Enquanto as vagas davam pela cintura da mulher, dos filhos e do tio, enquanto ele, tendo alcançado a costa, procurava às pressas as embarcações, uma multidão de esqualos vorazes surgiu em volta do bando assombrado. O pobre Nicácio ouviu um grito horrível. Olhou e viu as barbatanas escuras dos monstros rapidamente resvalando à flor do mar. A maré continuava a subir. Os infelizes debatiam-se nas águas movediças e os tubarões, virando-se de dorso para baixo, vinham furiosamente, os papos amarelos à mostra, atacar os prisioneiros do oceano!

O Nicácio encontrou o minúsculo "bote". Desesperado, saltou-lhe em cima e impeliu-o energicamente com o remo curto sobre a crista espumejante dos vagalhões. Veio, gritando, em socorro dos seus. Mas, quando chegou à coroa, somente achou, boiando sobre a luzente e impassível face do mar, pedaços de membros ensanguentados, que os cações ainda ferozmente disputavam. Grandes manchas vermelhas tingiram-lhe a pá do remo. E, como doido, continuou de pé sobre o "bote", gritando, gritando, entre o veloz rabanar dos tubarões assanhados!

À tarde, o Caiçara e o Neco, passando ali, deram com ele assim. Deitaram-se a nado e rebocaram-lhe os quatro paus de timbaúba para terra. Caiu-lhes desfalecido nos braços. Voltou a si para contar a tragédia. Depois, chorou e, quando parou de chorar, foi amalucando, dizendo umas coisas pelas outras, fazendo asneiras, até que ficou "varrido", tornando-se furioso à vista de qualquer peixe e passando horas esquecidas a olhar o mar, ou a atirar-lhe pedradas, para matar tubarões talvez. E não durou dois meses.